

ALIANÇAS: A QUE SERVEM?

Alípio de Sousa Filho

– professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRN

Na história brasileira, as curiosas alianças políticas da esquerda com a direita já não são uma novidade. Se antes era possível observar os efeitos perversos dessas alianças, hoje, esses efeitos têm aumentado. Seja nos períodos que antecedem eleições nacionais ou locais, seja nas composições após as eleições, a formação de alianças políticas toma – cada vez mais – a feição do cinismo e da canalhice moral, tornando-se verdadeiros casos de assalto à consciência ética pública. Partidos e políticos que, ontem, atacavam-se em praça pública abraçam-se e trocam elogios hoje. Inimigos declarados tornam-se bons aliados da noite para o dia. Como se não fosse o bastante, ainda ferem o conceito de amizade: declaram-se “amigos”, falam de “laços de amizade”, etc. Mas é certo que não enganam ninguém. Mesmo as massas, em toda sua alienação, mas possuidoras de um senso trágico – com o qual, sabendo que não têm forças para vencer o cinismo reinante, fingem acreditar nas mentiras que ouvem para viver melhor a vida –, sabem reconhecer que não há amizade entre aqueles que disputam posições de poder. As massas sabem que eles “não se entre-amam, eles se entre-temem” (La Boétie). Realizadas sob o pretexto de pactos em prol de “melhores dias para o povo”, do “desenvolvimento social”, do “avanço da democracia” e outras (falsas) razões, as alianças tornaram-se ocasiões em que tanto a direita como a esquerda procuram tirar proveito, cada uma à sua maneira, do espetáculo (vazio) em que a política foi convertida pela ação desses próprios atores. Pior para a esquerda. Pior para a política.

Observados os fatos, torna-se possível concluir: até aqui, as alianças beneficiam a direita, validando-a politicamente e validando suas idéias sociais, e convertem a esquerda em refém de algo que, por sua natureza, obriga-lhe abrir mão de princípios, idéias, objetivos. Realizadas com o intuito de vitórias eleitorais a qualquer custo ou da chamada governabilidade (palavrinha mágica do vocabulário do cinismo político atual), as alianças não têm servido sequer para o simples cumprimento de promessas de campanha (vide o caso do governo federal e casos estaduais e municipais atuais) e menos ainda para a consolidação de consensos éticos para a construção do Estado de Direito e da cidadania plena no país. A direita aí está: participa do “jogo” das alianças, mas com fins unicamente políticos, pois não tem nenhum propósito ou ideal que torne possível uma união autêntica de princípios com a esquerda. Aquilo que a direita visa é sua preservação como força reacionária, cujo fim é impedir as transformações sociais e as mudanças culturais na sociedade brasileira. Na busca de ampliar seu poder político, como instrumento importante para sua reprodução como força social, a direita tem se aliado aos segmentos de esquerda (mais ao centro, como o PSDB, ou mais à esquerda, como o PT), pois sabe que, para seus projetos sociais, é melhor ocupar posições de poder do que não tê-las: não é estranho, pois, que, ontem, tenha governado com os militares, Sarney, Collor, FHC e, hoje, com o PT. Como confia que “os príncipes mudam, mas a dominação continua a mesma” – uma invariante histórica –, a direita faz bem e competentemente seu papel. Não é, pois, estranho que seja cínica e canalha.

Estranho é que a esquerda adote os mesmos procedimentos da direita. No seu afã de poder, a esquerda (também cinicamente) se serve da direita, sob o pretexto de “vitórias importantes para o povo”, “aprofundamento da democracia” ou “consolidação de bases de sustentação do poder”. A adoção da prática de alianças fora de um campo comum de idéias e objetivos – o que é impossível pensar entre esquerda e direita – tem transformado a esquerda num agente de deseducação da população para o sentido da política. Adoecida da vontade de

poder, a esquerda brasileira tem contribuído para o aumento do grau de saturação que a política vem atingindo, não por um fenômeno espontâneo, mas pela própria ação daqueles que atuam no campo político – para prejuízo da política como um bem coletivo. O que pode, por exemplo, a população do RN concluir de fatos como o apoio, ontem, do PT – cujo opositor nacional maior, hoje, é o PFL – ao PSB, que, hoje, cogita o apoio do mesmo PFL a seu candidato à prefeitura de Natal, contra a candidatura do ex-aliado PT? Ou do fato novo: o PT que, ontem, ameaçava o PMDB com investigações e, hoje, cogita uma aliança com esse mesmo partido para a prefeitura de Natal? O leitor conhece outros exemplos: PT e Sarney, PT e ACM, etc.

Cinicamente, todos respondem que “política é jogo”, “a política é a arte da negociação”. Aplicados também vergenhosamente pela gente de esquerda, aqui com o ar de grande saber sobre a política, esses saturados clichês escondem o pior: o rebaixamento da política (e da arte!). As alianças da esquerda com a direita mais têm servido à consagração simbólica de personagens de uma eterna história de dominação do que à realização de objetivos propalados em campanhas, sem falar de objetivos maiores como a emancipação política e cultural da sociedade brasileira. A esquerda – refém de seu afã de poder e de suas alianças – termina por contribuir com a reprodução de imagens ideológicas da política: “na política, todos calçam 40”, “todos são farinha do mesmo saco”. Parece mesmo certo que, em seu senso trágico, o povo tem razão.

(Publicado em 15/04/2004 no Jornal “Diário de Natal” – Coluna “Ponto de Vista”, p. 2)